



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9555 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT15 - Educação Especial

O atendimento pedagógico hospitalar e o tratamento da doença: enfoque nas narrativas de crianças hospitalizadas

Osdi Barbosa dos Santos Ribeiro - UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana

Agência e/ou Instituição Financiadora: Fapesb

O ATENDIMENTO PEDAGÓGICO HOSPITALAR E O TRATAMENTO DA DOENÇA: ENFOQUE NAS NARRATIVAS DE CRIANÇAS HOSPITALIZADAS

Resumo

Neste estudo aborda-se o atendimento pedagógico no âmbito hospitalar. Busca-se analisar as percepções das crianças hospitalizadas acerca das experiências vivenciadas em torno do tratamento do câncer e do atendimento pedagógico em um hospital em Feira de Santana-BA. Adota-se uma metodologia qualitativa-descritiva. Os resultados indicam que o diagnóstico do câncer, o tratamento e o atendimento pedagógico constituem uma experiência marcante na vida da criança. As falas evidenciam o hospital como lugar de dor que ganha um sentido diferenciado com o atendimento hospitalar ao transpor a criança para além dos limites que a doença impõe, ao proporcionar momentos de sonhos, alegrias e aprendizagens.

Palavras-chave: Atendimento pedagógico. Criança hospitalizada. Tratamento do câncer.

INTRODUÇÃO

O atendimento pedagógico no âmbito hospitalar é um tema que tem alcançado expressividade nas discussões daqueles que lutam por uma sociedade mais inclusiva. Na instituição hospitalar, a educação também tem um sentido fundamental para os estudantes manter um vínculo com a escolarização, considerando que o processo de adoecimento pode incorrer de diversas rupturas e dentre elas, a escolar. Assim, a educação busca legitimar seu espaço nos hospitais diante da demanda educativa emergente.

A Constituição Federal de 1988 dispõe a educação como direito de todos, sendo, por direito, assegurado o atendimento escolar àqueles com necessidades especiais. Com efeito, em 2001 as Diretrizes Nacionais à Educação Especial na Educação Básica, Resolução CNE/CEB nº 2/2001 assegura o direito ao atendimento pedagógico aos educandos com

necessidades especiais provisórias, decorrentes das dificuldades curriculares diante das limitações específicas de saúde.

Nesses termos, o atendimento pedagógico hospitalar é compreendido na modalidade de Educação Especial para atender a necessidades educacionais dos estudantes em situação de adoecimento e hospitalização. Em 2002, o documento orientador Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar (BRASIL, 2002) preconiza formas de organização e estruturação do atendimento educacional nos hospitais e domicílios.

Nessa compreensão, os estudantes citados estão no rol do diverso na perspectiva da inclusão. Nesse viés, profissionais e pesquisadores engajados no movimento de luta por esse direito, buscaram aparatos na seguridade de atendimento na política nacional de educação especial/inclusiva para a efetiva consolidação da educação nos hospitais.

Por sua vez, em 2018, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394, promulgada em 1996, passa a vigorar acrescida do artigo 4º que assegura, na esfera de sua competência federativa, o atendimento pedagógico ao aluno da educação básica em tratamento de saúde por tempo prolongado em hospitais ou domicílios. Em particular voltamos o olhar à criança em idade escolar acometida pelo câncer.

O Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva-INCA divulgou uma ocorrência aproximada de 12.500 casos novos de câncer infantojuvenil no Brasil para cada ano do biênio 2018-2019 (BRASIL, 2018). Por sua vez, para cada ano do triênio 2020-2022 o número estimado é de 8.460 casos novos. (BRASIL, 2020). O INCA oferece essas estimativas para que sejam ampliadas as ações por gestores e profissionais à prevenção e o controle do câncer, como também sejam promovidas reflexão e boas práticas em busca da melhoria da qualidade do serviço ofertado.

Em virtude do exposto, pode existir uma integração entre as ações singulares da educação e às ações desenvolvidas por profissionais da saúde para acolher e atender a criança hospitalizada em sua integralidade, nas dimensões biológica, cognitiva, afetiva e social.

Com efeito, este estudo teve como objetivo analisar as percepções das crianças hospitalizadas acerca das experiências vivenciadas em torno do tratamento do câncer e do atendimento pedagógico em um hospital em Feira de Santana-BA.

METODOLOGIA

No presente trabalho adotou-se a abordagem qualitativa que “[...] consiste em um conjunto de práticas materiais interpretativas que tornam o mundo visível.” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17). Notoriamente, apesar dos enfoques atribuídos à pesquisa qualitativa, destaca-se que esta nos permite abordar o mundo, descrever e explicar os fenômenos sociais. Quanto aos objetivos, caracteriza-se como do tipo descritiva.

Adotamos a técnica de entrevista semiestruturada junto a onze crianças em situação de hospitalização no centro de oncologia infanto-juvenil, localizado no quinto andar de um hospital situado em Feira de Santana-BA. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

Na delimitação dos participantes, contamos com as informações dadas pela pedagoga - pontuadas a partir dos seus registros - ano de escolaridade, tipo de câncer diagnosticado e condição de saúde das crianças hospitalizadas no centro oncológico no período da pesquisa. As entrevistas foram realizadas entre novembro de 2017 e fevereiro de 2018. Os entrevistados foram identificados com nomes fictícios escolhidos por eles.

As falas foram gravadas sob a autorização dos participantes e dos seus responsáveis, e posteriormente, transcrita e analisada. Adotamos a análise de conteúdo de Bardin (2011) para os procedimentos e organização dos dados, bem como sua respectiva análise, através da construção de categorias temáticas, definindo a dimensão do conteúdo, agrupando-o com vistas à discussão fundamentada no aporte teórico.

NARRATIVAS DAS CRIANÇAS HOSPITALIZADAS SOBRE O DIAGNÓSTICO DO CÂNCER, O TRATAMENTO DE SAÚDE E O ATENDIMENTO PEDAGÓGICO

Nessa abordagem consideramos os relatos das crianças em torno do diagnóstico da doença e o tratamento de saúde constitui uma experiência marcante, e muitas vezes, traumática. Aspectos que influenciam diretamente as suas percepções sobre o atendimento pedagógico no contexto pesquisado.

Quando se reporta ao diagnóstico da doença, além das suas vivências na condição de doente e hospitalizada, a criança fala sobre seu cotidiano quando possuía saúde: “Eu brincava com meus amigos [...] Estudava, passei para o ano seguinte daí, parei depois disso. Minha vida era normal, mas depois que eu adoeci e descobri, deu uma coisa que me chocou. Minha vida mudou muito.” (ABRAÃO, 2017).

Diante da descoberta da doença, o depoente compreende que são restringidas as relações de convivências, a vida muda. As brincadeiras, o estudo e as aventuras são substituídos pela atenção e cuidados com a doença. A esse respeito, Matos e Mugiatti (2014) entendem o diagnóstico como uma situação diferenciada que produz rupturas. O afastamento causado nas relações familiares e escolares modifica o modo de se situar no mundo.

A partir do diagnóstico de câncer, as crianças são envolvidas pelas incertezas e medo. Souza e Lima (2007, p. 162) entendem a “doença como uma ameaça à vida e ao bem-estar, constantemente, não sendo fácil conviver com ela, tão pouco aceitá-la.” Assim, a inserção no hospital representa uma interação com o inesperado: “Tive muita tristeza quando descobriu essa doença e eu cheguei aqui [...] era tudo estranho. As agulhas, esse lugar. Eu não ia para casa, nem via a minha família, sentia saudade. Eu não conseguia voltar para a escola” (JULIANA, 2017).

Além da experiência de privação da saúde, o adoecimento e a hospitalização podem trazer a experiência dolorosa e de frustração, considerando que a doença e o tratamento causam dor, medo, sofrimento, desconfortos, e a vida fica limitada a doença e ao tratamento.

A utilização de termos técnicos da área médica influencia no cotidiano vivido: “Aí vêm as agulhadas [risos]. Não pode perder o acesso! E quando perde tem que furar de novo, dói, eu choro, sinto dor, tenho medo.” (ISABELA, 2017), a ponto delas se apropriarem de termos como o “acesso” (objeto do tipo cateter), que seriam desconhecidos, caso elas não estivessem nesse contexto.

Os procedimentos necessários ao tratamento deixam marcas profundas: “Eu ficava com medo, aqui era estranho. Ficavam umas manchas na pele. Umas marcas que ainda não saíram.” (AMORA, 2017). Porém, o hospital também é conhecido como importante e necessário ao tratamento da saúde, como expressa Amora: “E agora estou curada. Estou muito feliz.”. Desse modo, para as crianças o hospital consiste em um lugar de dor e de cura.

Além do atendimento médico, as crianças recebem o atendimento pedagógico na brinquedoteca e no leito, duas vezes na semana. Diante da indisponibilidade de classe

hospitalar para atender os estudantes da educação infantil/anos iniciais do ensino fundamental, a pedagoga realiza o trabalho de intermediação: contata a escola de origem, solicita os conteúdos e as atividades, faz o acompanhamento junto aos educandos no hospital e envia os relatórios constando o desempenho do estudante.

Eu perdi de ano dois anos por causa da doença. [...] a pedagoga é tipo uma professora. E gosto de ouvir história, porque é bom, as professoras alegram a gente. Ela lê história, ajuda a gente conversando, alegrando, brincando e ensinando o dever. Ensina a fazer provas, faz tudo (ABRAÃO, 2017).

As crianças hospitalizadas são envolvidas por sentimentos de angústia e medo, sofrem intervenções dolorosas, além de terem uma rotina totalmente modificada. No atendimento, elas encontram a oportunidade de continuidade do estudo - elemento que as aproximam das vivências antes da descoberta da doença.

Eu ia para escola, tinha aula, aí na outra semana vinha pra cá e ficava internado. Então perdia a explicação do assunto. Quando eu voltada já estava realizando os testes. Aí eu não sabia os assuntos para responder. Agora, quando eu fico aqui a pedagoga ensina um pouco os assuntos, eu aprendo e faço as provas, os testes da escola com a gente [...] queria que tivesse atividade todos os dias. (NARUTO, 2017)

A proposta da Pedagogia Hospitalar, enquanto prática institucionalizada, não se opõe nem se confunde com o atendimento dos profissionais de saúde. O pedagogo se integra a equipe multidisciplinar para colaborar na relação da criança com a equipe de saúde, possibilitar experiências de aprendizagens e contribui com o processo de recuperação dos hospitalizados.

O conforto proporcionado pelo atendimento pedagógico, traz a oportunidade de pensar que a vida se faz para além da doença e do diagnóstico. Ariel (2017) afirma: “Gosto quando estou com a pedagoga na brinquedoteca porque dá para fazer coisas incríveis. Quando ela conta história eu me divirto. Eu gosto muito, eu não fico tão sozinha, eu aprendo e estudo”. O atendimento pedagógico integra às atividades que faziam parte do cotidiano da criança, pois ela não pode ser isolada à condição de doente (FONTES, 2005).

As crianças expressam que o atendimento deve ocorrer diariamente, como o momento em que se imaginam na escola: encontram com a professora e com seus pares realizam atividades, sorriem, conversam, brincam, ouvem histórias e continuam aprendendo. Logo, o atendimento pedagógico pode tornar-se a ponte que ligar a criança, no interior do hospital, com o mundo saudável, oportunizando a continuidade de estudos e de vida (FONTES, 2005).

Sob o ponto de vista de Naruto (2017), o adoecimento causa prejuízo nas atividades escolares, no curso normal da vida: “Eu tive um sonho muito maneiro [risos]. Eu sonhei que peguei meu boletim e aí só tinha nota nove [...] assim eu passo de ano”. A continuidade escolar ajuda a projetar sonhos futuros.

Em linhas gerais, a partir do atendimento mantém-se uma ligação com o mundo para além da doença e atenuam-se os desconfortos e sofrimentos causados pelo tratamento. O hospital, relatado como lugar de dor, medo, silêncio, incertezas e cura, com o atendimento pedagógico também é percebido como lugar propício a interação, aprendizagem, esperança no enfrentamento a situação vivenciada. Assim, para as crianças, o hospital também consiste em um lugar agradável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em torno do diagnóstico e do tratamento, as crianças percebem uma ruptura com o cotidiano vivenciado que causam atrasos na escolarização. O atendimento pedagógico ajuda a criança se esquecer, ao menos por um momento, a vivência dolorosa enfrentada, pelo fato de

tirá-las do isolamento e resgatar as sensações próprias da infância: fazê-las sorrir, sentir alegria, aprender e viver.

Consideravelmente, o atendimento pedagógico traz a oportunidade da criança assumir a condição de sujeito ativo e participativo, de conversar e refletir sobre a dificuldade de aprender naquele momento vivido. Destarte, ele proporciona a aproximação com os elementos da escola e ajuda no enfrentamento a doença.

Com efeito, a educação deixa marcas na vida das crianças do centro oncológico. Os achados explicitam que com frequência as crianças solicitam o atendimento da pedagoga. Assim, reforça a necessidade de implantação da classe hospitalar, já que no contexto ainda não possui. Constatamos que embora o aparato legal em vigor assegure ao estudante hospitalizado o direito de ser assistido pela educação, esse direito não se consolida em muitos hospitais brasileiros. Decerto, somos conclamados ao diálogo em busca de alternativas à promoção desse direito fundamental.

REFERÊNCIAS

ABRAÃO. **Entrevista**. Feira de Santana: [s.n.], 2017.

AMORA. **Entrevista**. Feira de Santana: [s.n.], 2017.

ARIEL. **Entrevista**. Feira de Santana: [s.n.], 2017.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: DF, 1996.

_____. Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Resolução CEB/CNE nº 2, de 11 de setembro de 2001.

_____. Instituto Nacional de Câncer. **Estimativa 2018 incidência de Câncer no Brasil**. Rio de Janeiro: INCA, 2018.

_____. Instituto Nacional de Câncer. **Estimativa 2020: incidência de câncer no Brasil**. Rio de Janeiro: INCA, 2021.

CINDERELA. **Entrevista**. Feira de Santana: [s.n.], 2017.

CRESWEL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. Tradução Sandra Mallmann da Rosa. 3.ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

DENZIN, N. K; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Bookman, 2006.

FONTES, R. S. A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da Educação no hospital. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 29, p.119-139, mai./ago., 2005.

ISABELA. **Entrevista**. Feira de Santana: [s.n.], 2017.

JULIANA. **Entrevista**. Feira de Santana: [s.n.], 2017.

MATOS, E. L. M; MUGIATTI, M. T. F. **A Pedagogia Hospitalar: a humanização integrando educação e saúde**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

NARUTO. **Entrevista**. Feira de Santana: [s.n.], 2017.

SOUZA, S. P. S. de; LIMA, R. G. de. **Condição crônica e normalidade: rumo ao movimento**

que amplia a potência de agir e ser feliz. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v.15, n. 1, p.156-164, fev. 2007.